

el material como formado por restos de murciélagos (*Artibeus lituratus*) y de aves hasta el momento no identificadas. Además de lo encontrado por el Dr. Handley, había gran cantidad de restos de coleópteros grandes (*Scarabaeidae*). Junto a los árboles se encontraron gran cantidad de cráneos de murciélago, completamente limpios y restos de coleópteros ya secos, por lo cual suponemos que el ave ha estado viviendo allí desde hace mucho tiempo.

Otro de estos buhos fue encontrado recientemente en unos árboles de ciprés, junto a una casa de campo en los alrededores de Medellín, 2.500 m. Parece que este buho, también allí, vive permanentemente en determinados lugares dentro de la arboleda y también como el anterior, se alimenta en gran parte de murciélagos (*Artibeus*), ya que los restos alimenticios, viejos y nuevos así lo demuestran.

Resulta interesante el hecho de que, a juzgar por los restos alimenticios encontrados, los dos individuos del área de Medellín, se alimentan principalmente con murciélagos a los cuales muy posiblemente cazan cuando se posan en las ramas. Aunque el buho vuela perfectamente bien y con cierta agilidad dentro del bosque, no creo que pueda capturar murciélagos al vuelo. Sin embargo, Allen (Bats. Dover Publ. Inc., 1939) dice que el Brown Hawk Owl, de la India, caza y captura al vuelo murciélagos de la especie *Ninox scutulata*. El mismo autor dice que se han encontrado restos de varias especies de murciélagos en los "bolos" regurgitados por buhos norteamericanos, tales como *Asio flammeus* y *Asio otus*, y que por el mismo sistema se ha averiguado que también la lechuza blanca (*Tyto alba*) consume cierta cantidad de ellos. Lo anterior ha sido verificado en Las Antillas, Trinidad, Egipto y Australia. Como dice el mismo autor, no es sorprendente esto en *Tyto alba*, ya que usualmente vive en los entrecielos de las casas y en cuevas y cavidades de diversa índole, en donde también viven algunas especies de murciélagos. — JOSÉ I. BORRERO H., Departamento de Biología, Universidad del Valle, Cali, Colombia, abril de 1966.

#### DO PARASITISMO PROVÁVEL DE *ICTERUS JAMACAI* (GMELIN) EM *PSEUDOSEISURA CRISTATA* (GMELIN)

Pela beleza da plumagem e plangente maviosidade do canto, poucos pássaros brasileiros são alvo da mesma estima e admiração de que goza o "sofrê" (corruptela popular de "sofrer"), que é como costumam chamar os baianos ao *Icterus jamacai*, réplica sul-americana do famoso "Baltimore oriole" (*Icterus galbula*) dos americanos do norte. Estritamente afeiçoado às zonas descampadas e secas de todo o nordeste do país, sua vasta área de dispersão estende-se ao longo da faixa atlântica, desde o Maranhão até ao sul da Bahia e, acompanhando o vale do Rio São Francisco, boa parte do interior de

Minas Gerais. Mas é talvez no chamado Recôncavo, ou seja toda a região situada à volta da baía de Todos os Santos, que a sua presença se torna mais notória, a ponto de constituir, em certos pontos, um dos ornamentos mais típicos do mundo alado, e hóspede freqüente de viveiros e gaiolas, complemento habitual das alfaías domésticas entre os moradores do campo. Por tudo isso, é muito para estranhar a profunda obscuridade que ainda perdura no tocante ao seu modo de vida e, muito particularmente, a tudo quanto diz respeito à nidificação e criação dos filhotes. Esse enigma passou a preocupar-me desde a minha primeira excursão ornitológica (Rev. Mus. Paulista, 19: 295, 1935) aos lugares em que o sofrê é mais encontradiço; más, só últimamente pude colher dados suscetíveis de conduzir ao esclarecimento do assunto em foco.

Foi isso em fins do ano passado (dezembro de 1965), por ocasião de uma curta vilegiatura nas contíguas localidades de Cabuçú e Saubara, situadas ambas na orla marítima da supramencionada baía, mais ou menos a meia distância entre as embocaduras dos rios Paraguaçu e Sergi, não longe, portanto, da cidade de Santo Amaro. Conversando ali, como de hábito, com velhos moradores experimentados nas coisas do campo, a um deles ocorrera referir que o sofrê “põe os ovos nos ninhos do carrega-madeira”, expulsando deles os legítimos donos. Essa informação, que tudo me faz supôr fidedigna, por isso que casual e espontânea, veio a ser grandemente reforçada pelas observações que pude fazer desde então, pois eram igualmente abundantes no local o icterída em causa e certo pássaro que eu conhecera em liberdade anos atrás, na ilha de Madre-Deus, com o nome de “carrega-madeira-do-sertão”, e que outro não é senão o furnariída inscrito em nossos catálogos com o nome de *Pseudoseisura cristata*. Os ninhos dêste último, construção grande de gravetos entrelaçados, eram vistos aqui e acolá, habitualmente no alto dos cajueiros, mais ou menos escondidos pela folhagem, e apoiados sôbre os galhos; ao contrário do que acontece com *Phacellodomus cristatus*, que os constroi nas extremidades pendentes dos galhos, tal como já me foi dado descrever e documentar, com fotografias (Papeis Avuls. Dep. Zool., 3: 265, 1943).

Não foi muito difícil surpreender em mais de uma feita o “sofrê” no ato de sair de um dêstes ninhos, aumentando as probabilidades de ser, de fato, *Icterus jamacaii* um novo icterída a engrossar a fila dos representantes da família em que o instinto da nidificação se obliterou em maior ou menor grau, oscilando entre a simples ocupação de ninho alheio para a postura dos ovos, e o parasitismo franco, de que nos dão exemplo, entre nós, o vulgar “chopim”, ou “gaudério” (*Molothrus bonariensis*), e seu corpulento aparentado “rexenxão” (*Psomocolax oryzivorus*).

Faltaram-me, infelizmente, tempo e meios para completar as minhas observações, e quiçá solucionar, de modo definitivo, com ovos ou filhotes

tirados dos ninhos em questão, um dos mais interessantes problemas que se oferecem ao estudioso da biologia das aves brasileiras; mas a pista agora encontrada é das mais promissoras e fica à espera dos que queiram, e possam, palmilhala, ampliando o capítulo do “escravismo em aves brasileiras”, de que há poucos anos nos dera H. Sick (Arq. Mus. Nac., 52: 185-192, 1962) um sugestivo resumo.

Na literatura ornitológica o único autor a se ocupar da reprodução em *Icterus jamacaii* parece ter sido o Príncipe Maximiliano de Wied (Beitraege Naturgeschichte von Brasilien, 3: 1204) um de cujos caçadores, nos confins de Bahia e Minas-Gerais, lhe trouxera, como sendo de sofrê, “um ninho que, todavia, não era construido conforme é hábito descrever-se”, pois “estava a cerca de oito ou nove pés acima do solo, apoiado sôbre galhos horizontais”, formando uma bolsa de gravetos ressequidos, fechada em cima e tendo uma entrada lateral. Esta descrição concorda com o observado em *Pseudoseisura cristata*, cuja área de dispersão coincide, aliás, em suas grandes linhas, com a do icetérida que é alvo de nossas atenções. — OLIVERIO PINTO, *Secretaria da Agricultura, Departamento de Zoologia, São Paulo, Brasil, abril de 1966.*

#### NOTA SOBRE LA ALIMENTACIÓN DE *CROTOPHAGA SULCIROSTRIS*

Desde el año 1962 venimos realizando un estudio del régimen alimentario de las aves silvestres en un área de cultivos, en este caso los campos experimentales de la Facultad de Agronomía, Universidad Central de Venezuela y del Centro de Investigaciones Agronómicas del Ministerio de Agricultura y Cría; ambos situados en El Limón, Maracay, capital del estado Aragua, en la región nor-central de Venezuela.

Si bien los estudios taxonómicos sobre la avifauna venezolana se encuentran en un alto grado de desarrollo, aquellos sobre la biología y la ecología de nuestras aves han sido notoriamente descuidados, posiblemente por falta de personal para llevarlos a cabo. Uno de los capítulos más olvidados ha sido el del estudio del contenido estomacal de las aves; que permite conocer el régimen alimentario de las mismas, y hace posible formarse un juicio más ajustado del beneficio o el daño que causan, especialmente con relación a los cultivos.

Una de las especies cuyo contenido estomacal aparece más interesante es el llamado en nuestro país “Curtidor”, *Crotophaga sulcirostris sulcirostris* Swainson, (Piríncho negro dentado, en la Argentina), que si bien no es tan abundante como su congénere *Crotophaga ani* L. (mal llamado en nuestro país garrapatero), mantiene un régimen alimentario tan eminentemente entomófago que no deja de ser interesante como factor limitante de muchas plagas; tal como puede observarse en las tablas donde se recogen los resultados preliminares del examen de trece estómagos de la especie mencionada.